

Como se faz Cinema

PARTE 2 – Etapas da Produção

por Filipe Salles

1. Pré-Produção

A etapa de pré-produção de um filme começa quando há verba disponível; e portanto, está pressuposta toda a parte de captação de recursos, anterior a esta. Uma vez captado o dinheiro da produção, ao todo ou em parte, inicia-se o processo de pré-produção.

Este nada mais é que uma organização sistemática de como serão conduzidas as filmagens. Por mais que essa organização varie de filme para filme, de diretor para diretor, ela sempre é necessária, em maior ou menor grau, pois, como já mencionamos, sendo o cinema uma arte coletiva, é preciso contar com a disponibilidade e organização não só da equipe, mas também dos atores e também de terceiros que cedem locações, objetos de cena, figurinos, etc. Sem que haja um cronograma, análise técnica e uma divisão eficiente de planos por dia, não é possível dar conta de todos os detalhes de produção de um filme, além da eminente possibilidade de 'queimar o filme' com quem se dispõe a ajudar. Assim, a pré-produção se ocupará destes pormenores técnicos de organização, que, quanto mais desenvolvidos estiverem, menor será a dor de cabeça durante a produção com problemas insolúveis. Mas que fique claro: fazer um cronograma, análise técnica e plano de filmagem não livra ninguém de contratempos; mas com certeza farão de todos passíveis de ser resolvidos sem prejudicar o andamento da filmagem, sem necessidade de extremismos. As etapas de uma pré-produção podem estar sobrepostas, ou seja, uma acontecendo concomitante à outra, e não há propriamente uma ordem que seja absolutamente necessária que se cumpra; mas as etapas são fundamentais e em algum momento devem estar presentes. São elas:

a.) Escolha da Equipe

Consiste num primeiro contato entre produtor (geralmente o que foi atrás da verba) e o diretor para deliberarem a respeito da equipe que comporá o filme. Isso pode ser feito de qualquer maneira, desde chamando técnicos amigos, conhecidos, ou mesmo indicados por outros, ou ainda porque conhecem o trabalho deles e este se encaixa na proposta do filme. É muito comum cenógrafos ou fotógrafos (ou qualquer outra função) especializados em situações específicas que, quando o filme exige tais situações, são imediatamente lembrados.

Os critérios para escolha de uma equipe são muito vagos, mas se podemos dizer alguma coisa para ajudar neste sentido, dois aspectos devem ser de importância capital nesta escolha: o primeiro, claro, que seja um técnico eficiente, compromissado com fazer sempre o melhor de si, responsável e cujo trabalho tenha qualidade notória; o segundo é que ele seja capaz de harmonizar-se com toda a equipe, seja simpático, tenha bom humor e boa vontade; calmo e paciente, que seja humilde para não se sobrepor, mas também que seja modesto para se colocar quando necessário na parte que lhe cabe. Em suma, que tenha bom coração. Pode parecer estranho, no meio do cinema, que se mencione estas qualidades, mas, depois de um mês trabalhando com uma grande equipe, estes aspectos fazem muita diferença. Juntas, essas qualidades fazem de qualquer técnico um profissional do mais alto gabarito, que será sempre lembrado. Para quem está começando é importante começar a pensar unindo estes quesitos, pois é sempre importante lembrar que são homens que fazem cinema, e não equipamentos. Há muitos que pensam que farão cinema melhor com equipamentos melhores. Sabemos que não basta.

b.) Reuniões gerais de produção

Estas reuniões são da mais alta importância. É nela que o diretor e o produtor irão apresentar o projeto com detalhes, distribuindo cópias do roteiro detalhado, para que cada diretor técnico possa encaminhar as necessidades que terá na produção. Todos os diretores técnicos (e de preferência seus assistentes principais) devem ler cuidadosamente o roteiro e

procurar sobretudo entender o filme, seus objetivos, seu caráter, suas intenções dramáticas. Essas informações é que darão a cada técnico ferramentas necessárias à concepção estética de cada função que a que lhes cabe.

Não é necessário que todos os envolvidos estejam presentes; muitos técnicos assistentes ainda não foram definidos, ou dependem do diretor técnico, mas é fundamental e imprescindível que todos os diretores técnicos estejam presentes, o fotógrafo, o diretor de arte (ou cenógrafo), o diretor de produção e o técnico de som.

Muitas vezes eles já fazem parte da equipe desde o início, na apresentação do projeto para leis de incentivo, mas dificilmente já terão equipe formada a esta altura. Portanto, é bom que nestas reuniões apareça o maior número de pessoas, pois além de conhecerem-se ou reencontrarem-se uns aos outros, tomarão contato com todas as diretrizes e intenções estéticas do diretor, bem como o primeiro tratamento do cronograma. A partir desta reunião, cada diretor técnico irá montar sua equipe individual conforme a necessidade, bem como começar a preparar a análise técnica que diz respeito à sua função.

c.) Análise técnica e cronograma

A análise técnica é de suma importância na pré-produção, porque através dela é que se saberá exatamente quanto o filme gastará e quanto tempo será necessário para realizá-lo. É muito provável que já haja algumas análises disponíveis, sem as quais não se poderia fazer o projeto para enviá-lo às leis de incentivo, mas certamente estas análises sofrerão muitas correções a partir da pré-produção.

Elas consistem em tabelas em que se discriminam todos os itens de cenário, figurino, objetos de cena, equipamentos e até atores, em todos os planos do filme, para que se tenha uma visão ampla e total da produção. Disso depende um cronograma mais eficiente.

Primeiramente, cada equipe se encarrega de fazer sua própria tabela analisando os itens que lhes dizem respeito; a arte levanta os figurinos, objetos de cena, acessórios de decoração, maquiagem e cenografia necessárias; a fotografia fará uma lista de equipamentos, a câmera que será utilizada, bem como tipos de filmes e todos os acessórios e em quais planos cada acessório será usado, incluindo maquinaria. (exemplos de tabelas estão disponíveis na seção "caixa de ferramentas" de Mnemocine) A equipe da direção se encarrega de listar os atores e cada plano em que aparecem.

Feito isso, tudo é passado para a produção, que irá organizar cada tabela numa outra geral e maior; será assim definido o cronograma e repassado a todos.

d.) Escolha do Elenco

A escolha do elenco, também chamado de Casting, pode ser feita em diferentes momentos, até mesmo na etapa de elaboração do roteiro, que é anterior à pré-produção. Isso é comum quando o roteirista e o diretor estão preparando o projeto e já pensam na ação dos personagens, ou seja visualizam quem será o ator ou qual a figura mais próxima do que virá a ser este ator. Entretanto, mesmo podendo haver um contato prévio, não são apenas os atores principais que contam. Há também coadjuvantes e muitas vezes figuração, gente que precisa aparecer para fazer volume numa determinada cena. Neste caso também é preciso fazer uma escolha, e para isso existem os testes de casting. Eles podem ser feitos de diferentes maneiras de acordo com a necessidade (um teste específico para os atores principais, outro para os coadjuvantes, e escolha por foto para figuração), mas no fim das contas em relação aos atores principais e boa parte dos coadjuvantes (todos, se possível) , o diretor deve dar a palavra final na escolha.

A equipe de casting entra em contato com as agências ou os atores, organizam os testes, entram em contato após a seleção e cuidam junto à produção da supervisão do pagamento dos atores. É bom fechar todo o elenco apenas após ter sido feito o planejamento do cronograma, para poder dizer a cada ator quanto tempo ele será necessário na filmagem.

A escolha do elenco é de importância fundamental: um ator ruim pode acabar com um bom filme, mas um bom ator pode salvar um mal filme.

e.) Reuniões de equipe

Cada equipe, individualmente, deve se reunir para fazer sua tabela, bem como discutir questões próprias e problemas específicos que o filme traz para ela. A fotografia, por exemplo, fará plantas baixas das locações, ou pedirá plantas dos cenários para o diretor de arte, e planejará a luz nos mínimos detalhes, fazendo o que se chama Mapa de Luz. O fotógrafo, juntamente com seus assistentes, irão deliberar e decidir sobre a disposição, quantidade e qualidade da luz em cada ambiente, para todas as situações que se passarem neste ambiente (para exemplo de mapa de luz, consulte o texto “iluminação para cinema e vídeo”); farão também uma lista de todo o equipamento (luzes, filtros, câmera, objetivas, filmes, maquinaria, tripés e outros itens específicos). (Exemplos de lista de equipamento e outras utilidades estão na seção “caixa de ferramentas” de Mnemocine)

A arte fará trabalho análogo em sua instância, descrevendo minuciosamente todos os itens e acessórios necessários, para poder organizar sua produção. Plantas baixas do cenário e das locações também devem ser feitas, e se possível, maquete, para melhor visualização do ambiente. Tanto o diretor quanto o fotógrafo e diretor de arte trabalham com melhor condição visual quando têm uma maquete disponível, geralmente feita pelo cenógrafo. Outro recurso importante é o Story-Board, que é o filme colocado em quadrinhos, com todos os planos (ou pelo menos os mais importantes) desenhados. É extremamente útil e facilita o trabalho de todos, principalmente a fotografia, que pode através dele pensar a luz e as objetivas para fazer o enquadramento mais próximo do reproduzido no desenho. Se alguém da equipe souber desenhar, provavelmente será escalado para fazer o story-board (pago, de preferência), senão, há sempre um desenhista contratado para este serviço.

A fotografia deve ir às locações (se for o caso), e verificar todas as condições do lugar: Seu tamanho, a capacidade do quadro de força, necessidade de gerador, se comporta a maquinaria necessária, a que horas será filmado, onde o sol bate àquele horário (se for diurna), ou mesmo acompanhar todo o trajeto do sol (há informações sobre isso em sites especializados, como na Associação Brasileira de Cinematografia – www.abcine.org.br), etc., dando então o parecer técnico sobre tais condições. Depois dessa etapa, e feito o levantamento de todos os pormenores, passam as informações ao produtor e devem ir às locadoras de equipamento, fazer reserva do que pretende usar, bem como verificar as condições da câmera, maquinaria e dos acessórios. Se o assistente não conhecer determinado equipamento, é agora que deverá travar contato com ele, pedir informações, ler os manuais e manuseá-lo, para ter dominado seu uso até o início das filmagens (não será lá que ele aprenderá a mexer na câmera). Feito tudo isso e encaminhado à produção, ela se encarregará de definir o cronograma ideal, procurar os itens que não estiverem ao alcance das equipe (coisas caras ou muito grandes) e assim tudo estará pronto para filmar.

A experiência nos mostra que o cronograma deve ser feito preferencialmente reproduzindo uma curva de gauss no quesito dificuldade técnica, ou seja, começar com planos simples, para a equipe ir entrando no clima, aquecendo, deixando para colocar todos os planos mais difíceis e complexos, tanto estrutural como tecnicamente, para o meio, e terminar também com planos mais simples (detalhes, poucas falas, etc.), que é quando todos já não agüentam mais o ritmo de produção do filme. Em longas-metragens esse macete costuma ser de grande ajuda, mas em curtas, que pressupõe produções mais breves, isso nem sempre é feito, e às vezes nem é possível.

2. Produção

Chamamos produção o início das filmagens propriamente ditas, e que pressupõe que todos (ou pelo menos a grande maioria) dos itens de pré-produção já estejam resolvidos.

A produção confunde-se com a própria ação de fazer cinema, mas, como vimos na pré e veremos na pós-produção, este fazer cinema inclui muito mais que o set de filmagem. De qualquer maneira, esta é a etapa mais sedutora do trabalho em cinema.

O ambiente em que está sendo realizada a filmagem chama-se set de filmagem, e pode ser qualquer lugar, estúdio ou locação, mas que deve ser considerado como tal durante a permanência da equipe por lá. Isso significa que ele deve ser claramente delimitado, 'cercado', e apenas os profissionais envolvidos nas filmagens terão acesso a este espaço, salvo convites expressos de membros da equipe. Isso porque é fundamental que se mantenha a ordem e a concentração durante as filmagens, e a permanência de curiosos, transeuntes, pessoas alheias ao objetivo do filme, costumam desviar a atenção dos técnicos e atores. O espaço do set de filmagem é o local de trabalho do cineasta e deve ser compreendido como tal.

Para organização e gerenciamento deste espaço, há uma função específica do período de produção (que deve estar também na pré-produção), que é o produtor de set. Ele é responsável por tudo o que acontece especificamente no set de filmagem, desde sua delimitação (zelando para que ninguém desautorizado ultrapasse o cordão de isolamento, pois roubos em sets são freqüentes) até a alimentação da equipe, os locais mais adequados para colocação dos praticáveis do som, da fotografia e da arte.

Cada equipe deve ter uma 'base' de controle, geralmente os chamados "praticáveis" (mesa desmontável de madeira), em que são acomodados os equipamentos e suprimentos necessários de cada função, e esta base é exclusiva de cada equipe, não devendo ser misturada. Em outras palavras, há um espaço específico da fotografia, onde estarão os *cases* de câmera, tripés, caixa de filtros, fotômetros, equipamentos do assistente, etc., que enquanto não estiverem sendo usados, estarão disponíveis lá. A fotografia não deve em nenhuma hipótese colocar estes equipamentos, após o uso, em outra base, da arte, ou do som, assim como estes também não devem colocar seus pertences em outra base. Isso contribui para uma fantástica agilidade no exercício de cada função, pois o fotógrafo não precisará ficar saindo pelo set à procura de seu fotômetro, ou de um filtro específico, ele estará certamente à sua disposição no praticável da fotografia.

O produtor de set é responsável pela organização destas bases, escolhendo os melhores locais para cada equipe (a fotografia deve ficar sempre à sombra numa locação externa, por exemplo), providenciando cadeiras para atores e equipe, guarda-sol ou guarda-chuva, se necessário, organizando as refeições e distribuindo a equipe nos transportes.

Todos os diretores técnicos – e também o diretor – devem chegar a um set de filmagem com uma idéia muito clara do que vai acontecer lá, bem como todos os procedimentos já previamente decididos. O set não é o lugar para pensar sobre, é para fazer o que já foi pensado. Se há necessidade de parar o set para pensar o que se deve fazer, algo está fora de lugar, e será preciso repensar o cronograma.

No caso específico do diretor de fotografia, a luz já deve estar previamente concebida (através das plantas baixas e mapas de luz), se possível já montada por completo, e o DF apenas 'afina' a luz (tal qual o músico na orquestra – já está ensaiado, mas é preciso afinar), que nada mais é que um ajuste sutil da luz para os personagens ou objetos montados no cenário.

3. Pós-Produção

A pós produção subentende duas ações; a desprodução do set de filmagem e também a finalização do filme. Sobre este último aspecto, consultar o texto "Processos de Finalização em Cinema", que contempla exatamente esta propriedade. Em se tratando da pós-produção imediata de um filme, podemos entender que toda a parafernália de equipe, atores, locações, equipamentos, e tudo o que está subjacente a isso, precisa voltar para o seu lugar. Sim, é um monte de trabalho, muitas vezes braçal, mas é assim que se faz num planeta tão denso como a Terra. Ainda mais em 3 dimensões.

Em linhas gerais, a pós-produção neste sentido envolve todo o processo de desprodução, que significa:

- Encerrar todos os contratos com os atores e equipes, bem como pagá-los (no caso de produções comerciais ou com subsídio);

- Providenciar a volta e o deslocamento de atores e membros das equipes de outros estados e localidades distantes, para que voltem sem ônus para casa;
- Devolver todas as locações no mesmo estado em que se encontraram antes das filmagens, pintar novamente estas locações se for preciso, bem como arcar com os custos de alguma perda ou substituir objetos e utensílios que possam ter sido quebrados por conta da filmagem.
- No caso de cenários, desmontá-los e procurar formas de reutilizar ou reciclar a matéria-prima (madeira, plástico, papel), ou ainda doar itens que não serão mais utilizados. Evita-se a todo o custo jogar coisas fora.
- A produção também deve providenciar a devolução de todos os objetos tomados emprestados ou em consignação para o filme, e devolvê-los de preferência com uma carta de agradecimento assinada pelo diretor de produção.

Por negligência a estes fatores, muitos são os estabelecimentos que não emprestam mais nada por traumas ocorridos com equipes irresponsáveis. Fazer cinema é também considerar que uma próxima equipe precise dos mesmos elementos, e não fechar as portas para os demais.

No caso de projetos incentivados por leis, a produção deve prestar contas, e para isso é preciso ter a documentação exigida sempre em ordem.

Toda a equipe de produção e arte estará envolvida nesta desprodução; concomitantemente, as equipes de som e fotografia estarão tratando do material captado, o som será descarregado num AVID ou Final Cut e a imagem será telecinada e/ou copiada em película para averiguação. Apesar da edição ser feita num meio eletrônico, é importante ver pelo menos algumas partes do filme em projeção, que dará ao diretor, produtor e ao fotógrafo uma noção mais ampla de como está a imagem do filme. O telecine não se presta para isso.

Aí entram as funções do montador (editor) e finalizador, que pode incluir também o finalizador de som, juntamente com o de imagem. Essa etapa da pós-produção é que se designa por finalização, e aí entramos no campo mais técnico, que levará o filme a se tornar um produto audiovisual completo.

Ainda posteriormente à finalização, há outra etapa ainda, que consiste na divulgação, distribuição e exibição, ou seja, toda a publicidade e a viabilidade do filme ser visto e comentado. Para isso, há desde o circuito comercial, para longas-metragens, e o circuito alternativo de festivais, mostras e exibições específicas, que servem não apenas para lançar longas mas também exibir curtas, documentários e filmes experimentais. A divulgação de um produto audiovisual é de extrema importância, já que o cinema é uma arte que foi feita para ser vista. Os americanos entenderam isso muito bem, e até hoje demonstram competência tanto na arte da realização como na comercialização.

BIBLIOGRAFIA:

BROWN, Blain. *Cinematography: Image Making for Cinematographers, Directors, and Videographers*, Focal Press, 2002

BROWN, Blain. *Cinematography: theory and practice*. Amsterdam: Focal Press, 2002

CHESHIRE, David. *Manual de Cinematografia*. H-Blume Ediciones, Madrid, 1979

GAGE, Leighton & MEYER, Claudio. *O Filme Publicitário*. SSC&B-Lintas, 1985

MALKIEWICZ, Kris. *Cinematography : A Guide for Film Makers and Film Teachers*, Simon & Schuster, 2nd edition, 1992

MONCLAR, Jorge. *O Diretor de Fotografia*. Solutions Comunicações, RJ, 1999

WATTS, Harris. *Direção de Câmera*. Summus editorial, SP, 1999

FILIPPE SALLES é cineasta, fotógrafo, professor universitário, anda de jipe e nas horas vagas é músico. Consulte www.mnemocine.com.br/filipe